


MOUSEION

Canoas, n. 41, 2022

The DOI logo is a small orange circle with the letters "doi" in white. <http://dx.doi.org/10.18316/mouseion.v0i41.9230>**Município de Cubatão, território manchado: poluição e a mídia de massa**Francisco Rodrigues Torres¹André Munhoz Argollo Ferrão²

Resumo: O nome “Cubatão” desperta no ouvinte, principalmente aqueles que já possuem mais de quatro décadas de idade, lembranças de reportagens divulgadas em período compreendido entre as décadas de 1970 e 1980. Invariavelmente vem à memória termos que associavam a cidade à poluição ambiental, riscos de contaminação. O presente artigo pretende refletir sobre o estigma que paira sobre Cubatão, Estado de São Paulo, como o “Vale da Morte” a partir do trabalho de Lúcia da Costa Ferreira. Faz-se necessário examinar tal questão sob o enfoque dos meios de comunicação, os “mass media”, através dos quais houve a sedimentação da informação no imaginário popular, mesmo decorridas várias décadas. Isto permitirá entender alguns mecanismos na formação da memória coletiva cubatense que, em decorrência dos fatos apresenta características de baixa autoestima, o que repercute no próprio sentimento de pertencimento. Além disto, pretende realçar que a “memória coletiva” – construída através da mídia impressa, rádio e televisão – referenciou a cidade como território de poluição permanente e se apoia nos conceitos de Pierre Nora e Marshall McLuhan.

Palavras-chave: Até cinco palavras ou expressões separadas por ponto e vírgula, sem repetir termos do título. Por exemplo: Memória social; Identidade; Cidade; Patrimônio cultural; Urbanismo.

Cubatao county (Brazil), stained territory: pollution and mass media

Abstract: The name “Cubatão” awakens in the listener, especially those who are already over four decades old, memories of reports published in a period between the 1970s and 1980s. Invariably, terms that associated the city with environmental pollution, contamination risks, come to mind. This article intends to reflect on the stigma that hangs over Cubatao city (state of Sao Paulo, Brazil), as the “Death Valley”, according to Lucia da Costa Ferreira’s research. It is necessary to examine this issue from the perspective of the ‘mass media’, through which there was the sedimentation of information in the popular imagination, even after several decades. This will allow us to understand some mechanisms of Cubatão’s collective memory which, because of facts, presents low self-esteem characteristics. All of this reflects on the feeling of belonging. In addition, the article intends to emphasize that the “collective memory” – constructed through the print media, radio, and television – referred to the city as a territory of permanent pollution and relies on Pierre Nora and Marshall McLuhan concepts.

Keywords: Até cinco palavras ou expressões em inglês, separadas por ponto e vírgula, sem repetir termos do título. Ver exemplo das Palavras-Chave.

1 Historiador, Mestre em História Social (FFLCH-USP), Doutorando no Programa de Pós-graduação em Ensino e História de Ciências da Terra (IG-Unicamp). E-mail: <frantorres80@gmail.com>

2 Professor Livre Docente do Departamento de Recursos Hídricos da Fecfau-Unicamp. Professor do Programa de Pós-graduação em Ensino e História de Ciências da Terra (IG-Unicamp).

Introdução

A história regional de Cubatão no período colonial principia com a vinda de Martim Afonso de Sousa, em 1532. O mandatário português assinou as primeiras cartas de doação de sesmarias. Estas compreendiam boa parte do território cubatense atual (ANDRADE, 1973, p. 136-139).

No século XVII, os jesuítas atuaram para adquirir terras que margeassem o rio Cubatão com o fito de tornarem privativa a ligação com o porto de Santos. Os religiosos foram questionados de várias formas quanto a seu desiderato de exclusividade sobre o direito de passagem entre o rio e o porto de Santos (TORRES, 2008, p. 33-78). No século XVIII ocorreu o banimento da Companhia de Jesus e sua extensa propriedade, a Fazenda Geral do Cubatão, se tornou terra devoluta. Esse episódio teria como consequência, no século XIX, a distribuição de porções de terras às margens do rio Cubatão, a imigrantes açorianos (SILVA SOBRINHO, 1957, p. 133-141).

No entanto, a partir da segunda metade do século XX, houve situações dramáticas que ocorreram no perímetro cubatense, as quais apresentam consequências hodiernamente. O fato que se tornou mais saliente foi instalação do polo petroquímico, a partir da inauguração da Refinaria Presidente Bernardes de Cubatão (RPBC), no ano de 1955 (COUTO, 2012, p. 77). Nos anos posteriores, mais de duas dezenas de empresas de grande e médio porte iniciaram suas operações em território anteriormente pertencente aos primeiros sesmeiros (PERALTA, 1973, p. 21).

O resultado de tamanha concentração de plantas industriais influenciou diretamente na questão ecológica regional e, por conta disso, o município de Cubatão apresentou problemas diversos que envolviam o tema poluição. Nesse período ficou conhecida como “cidade mais poluída do mundo” (COUTO, 2003, p. 163) e este epíteto foi divulgado de forma sistemática através dos meios de comunicação. Há que se perceber que a forma de veiculação do tema corroborou para um entendimento de que o nome “Cubatão” se tornasse sinônimo de poluição. A década de 1970 se constituiu o decênio durante o qual se principiou a desvelar a real situação ambiental da cidade. A década de 1980, por seu turno, preparou o ambiente para que as responsabilidades de empresas e órgãos públicos fossem identificadas. A quantidade expressiva de fatos marcantes sobre causas e efeitos da poluição constitui elemento para estudos aprofundados devido ao ápice dos níveis de poluição e as necessárias respostas por parte das instituições (ARGOLLO FERRÃO; TORRES, 2018).

O acontecimento como fenômeno

Pierre Nora (1995) ao se debruçar sobre a história contemporânea, a despeito do senso comum, a considera peça fundamental para se interpretar os contextos que envolvem determinada comunidade. Dessa forma, o historiador defende que o presente, justamente por ser divulgado, já se percebe carregado de “um sentido histórico” (p. 180). Ao se posicionar dessa forma, se contrapõe à visão “comteana” do distanciamento cronológico do observador para com o objeto de estudo. Essa linha de abordagem proposta por Pierre Nora aponta o acontecimento ou fato como elemento a ser analisado com a devida relevância justamente por ser possível a divulgação. Ao ser divulgado, o acontecimento se apresenta com uma significação mais adensada por se fazer constituinte de elementos que, ao se conjugarem, rerepresentam o

fato com relevância no contexto histórico. Na sequência, Pierre Nora (1995) ratifica seu posicionamento de forma mais assertiva, no seguinte trecho:

“Essa vasta democratização da história, que fornece ao presente sua especificidade, possui sua lógica e suas leis: uma delas – a única que aqui desejamos isolar – é que a atualidade, essa circulação generalizada da percepção histórica, culmina num fenômeno novo: o acontecimento.” (p. 180)

O termo “acontecimento”, conforme Antonio de Moraes Silva (1789), significa o que “succede acaso; o fim, o êxito d’alguma coisa empreendida com conselho”. Se a definição da palavra “acontecimento”, segundo o dicionarista, corresponde ao que sucede aleatoriamente ou à consumação exitosa de algum episódio, Pierre Nora (1995) redefine o entendimento, pois os meios de comunicação alteram o sentido lógico da palavra para inaugurar o “acontecimento” que se torna fenômeno. Este termo provém do grego φαινόμενο, cuja raiz etimológica está ligada a “fazer brilhar, aparecer, fazer ver, que literalmente significa o que se mostra” (www.etimologias.dechile.net).

Pierre Nora (1995) salienta que a transformação do “acontecimento” se tornou inevitável nos dias atuais. O pesquisador não se isenta em indicar a forma como este componente se tornou perceptível, no seguinte fragmento:

“É aos ‘mass media’ que se deve o reaparecimento do monopólio da história. De agora em diante esse monopólio lhes pertence. Nas nossas sociedades contemporâneas é por intermédio deles e somente por eles que o acontecimento marca a sua presença e não nos pode evitar.

Mas não é suficiente dizer que se colam ao real a ponto de se tornarem sua parte integrante e que nos restituem sua presença imediata, quando abraçam os contornos e peripécias, quando fazem parte do cortejo inseparável. Imprensa, rádio, imagens não agem apenas como meios dos quais os acontecimentos seriam relativamente independentes, mas como a própria condição de sua existência. A publicidade dá forma à sua própria produção.” (p. 181)

Através dos “mass media”, o acontecimento passa não somente a se fazer ostensivo no cotidiano das pessoas, mas a direcionar posicionamentos e, em certas circunstâncias, regular os comportamentos da sociedade. Pierre Nora (1995) chama atenção não somente para a influência dos meios de comunicação, mas à gênese de princípios que alimentam o sistema. Ao afirmar que “a publicidade dá forma à sua própria produção”, o historiador concebe que o grau de divulgação de determinado fato, a sua amplitude e capilaridade se torna o motor para que haja uma alimentação constante de novas abordagens sobre o acontecimento original. Aliás, convém referir que o termo “comunicar”, conforme Bluteau (1728), significa “fazer comum ou fazer participante” e, na sequência, “comunicação” está ligada aos vocábulos “sociedade”, “familiaridade” e “confiança”. Assim, se infere que a divulgação intensa de um fato permite que se evidenciem as noções de comunidade, de participação, de família e, dessa forma, a construção do sentido de pertencimento.

O pesquisador Marshal McLuhan (2005), um dos principais pensadores a refletir sobre os meios de comunicação na década de 1960, aborda a relação do historiador Alexis de Tocqueville e a imprensa do século XIX e assevera que somente este estudioso entendeu a “gramática da tipografia”, ou seja, a forma como os jornais impressos assumiriam relevância e acrescenta que “os meios [de comunicação] têm o poder de impor seus pressupostos e sua própria adoção aos incautos” (p. 30).

Marshall McLuhan (2005) evidencia, em suas observações, a capacidade dos meios de comunicação em induzir aos seus usuários a se posicionarem em qualquer assunto. Ao não fomentar a leitura crítica,

seja o jornal, o rádio ou a televisão, os meios induzem seus clientes a se comportarem unicamente como retransmissores de informação. Necessário atentar não apenas à influência exercida, mas à capacidade de difusão de um fato.

Ao emitir seu parecer sobre a imprensa, Marshall McLuhan (2005) cita uma frase que a tradição indicou ser de autoria de Napoleão Bonaparte, na qual se considera que três jornais hostis são mais perigosos que mil baionetas (p. 28). O ponto principal a observar na frase, não diz respeito ao número de armas, mas ao poder inerente ao ofício de se editar um jornal.

Pierre Nora (1995) possui uma abordagem que evidencia os predicados peculiares da imprensa:

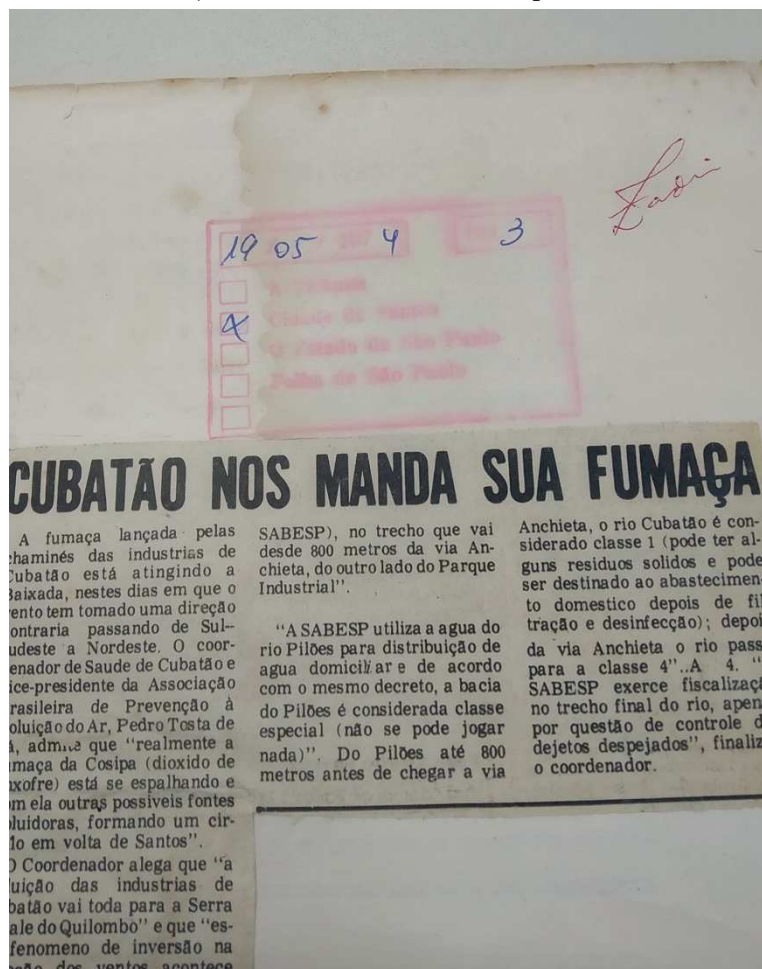
“Pois do jornal local ao diário nacional, do órgão de grande tiragem ao semanário de opinião, somente a imprensa dispõe de uma gama de virtualidades sem rival, um leque excepcionalmente rico de manipulação da realidade.” (p. 182)

O historiador francês aponta alguns elementos que necessitam ser salientados, pois não se trata de quantidade na tiragem, mas nas possibilidades de enfoques disponíveis ao se repassar um acontecimento. Os meios de comunicação dispõem de mecanismos competentes para manipular. Aliás, esta palavra provém do latim “manipularis” e está relacionado a termos como feixe, estandarte, companhia ou soldado raso (CINTRA; CRETELLA JÚNIOR, 1956), cujas inferências conduzem ao sentido de manobra. Nesse contexto, a imprensa, o rádio e a televisão ditam o desenrolar das tramas ao jogar luz sobre determinado aspecto, diminuir o foco de um tópico, hiperbolizar determinadas facetas.

Território manchado

As reflexões propostas por Pierre Nora (1995) e Marshall McLurhan (2005) contribuem para que se entenda o processo pelo qual passou Cubatão, pois os “mass media” participaram efetivamente para que, dia após dia, as questões que envolviam a poluição fossem avultadas no sentido de serem cobradas providências. O papel relevante que o meio de comunicação impresso desempenhou se faz inquestionável, pois permitiu que o cidadão comum tivesse voz, rosto e sequelas da poluição divulgadas, pois ao destacar os procedimentos dos órgãos públicos, as declarações das autoridades e mesmo os seus silêncios, a imprensa cumpriu exemplarmente suas funções.

A poluição foi tópico repisado, por exemplo, nos jornais regionais “A Tribuna de Santos” e “Cidade de Santos” que, durante a década de 1970 estamparam em suas páginas cerca de duas centenas de reportagens que abordavam a temática (Figura 1). Houve o recrudescimento da forma de abordagem no decorrer da década de 1980, cujas manchetes abordavam o tema, porém, com um fator complicador, pois o incêndio de Vila Socó, em 1984, acentuou os embates entre os segmentos da sociedade (COUTO, 2012, p. 196).

Figura 1. “Cubatão nos manda sua fumaça”. Jornal Cidade de Santos (p.3), em 15 de maio de 1974.

Fonte: Arquivo Histórico de Cubatão.

No entanto, apesar do trabalho de utilidade pública, os meios de comunicação, provavelmente por força do interesse do grande público em acompanhar o desenrolar dos fatos, desenvolveram mecanismo para apresentar novos acontecimentos, mesmo que não houvesse comprovação efetiva. Um exemplo agudo desse posicionamento se faz indicado por Lúcia da Costa Ferreira (1991, p. 72), ao referir que um possível estudo sobre deformações congênitas produzidas pela exposição à poluição foi noticiado da seguinte forma: “Fábrica de monstros em Cubatão” (CIDADE DE SANTOS, 03.1983), ou seja, a espetacularização da notícia pretende exacerbar o conteúdo imprimindo um sentido de denúncia. A manchete permite que se referencie o posicionamento de Pierre Nora (1995, p. 183):

“Os ‘mass media’, dessa forma, fizeram da história uma agressão e tornaram o acontecimento monstruoso. Não porque sai, por definição, do ordinário, mas porque a redundância intrínseca ao sistema tende a produzir o sensacional, fabrica permanentemente o novo, alimenta uma fome de acontecimentos”.

Nesse sentido, as deformações denunciadas se configuram na própria notícia, pois os meios de comunicação na sanha por ratificar a imagem poluída de Cubatão, tornam a informação eivada de anomalias. Assim, a “fome de acontecimentos” transcende a realidade e permite que haja sobreposição de várias verdades, meias verdades e inverdades. Ao optar por essa linha, os meios de comunicação exorbitaram das denúncias iniciais e, de forma consistente, defenderam seu quinhão no território cubatense numa disputa desabrida de poderes (ANDRADE, 1998, p. 213).

“Vale da Morte” e da “Lua de Mel”

O termo poluição provém do latim “polluo, polluere” (CRETELLA JÚNIOR & CINTRA, 1956), cujas palavras indicam “aquilo que está manchado ou maculado”. No trabalho de Antônio de Moraes Silva (1789) há o seguinte exemplo: “polluir a fama”. Esta definição permite que se entenda que a poluição perpetrada no território cubatense não contaminou unicamente os rios, serras, mangues ou os que habitavam seu entorno. Um dos prejuízos, talvez o mais notável e perene, diz respeito ao próprio nome da cidade. O território de Cubatão alcançou reputação negativa numa proporção não observada em outra região. A problemática ambiental ocorrida em Cubatão conformou o entendimento cabal do que era a cidade, pois não havia distinção entre “Cubatão” e “poluição”. Ambos os termos estavam impregnados de significados que se completavam e inauguravam o período da sinonímia, o qual indicava a contaminação de significâncias. O nome de Cubatão se tornou a própria mácula.

O resultado desse processo não poderia ser mais consistente, pois há cidades que são conhecidas através de perífrases. Assim, há a “Cidade Maravilhosa” ao se referir ao Rio de Janeiro ou “Cidade Luz” quando se designa Paris. No entanto, Cubatão se tornou o “Vale da Morte” com os inequívocos prejuízos, não apenas à imagem da cidade, mas a todos que lhe tivessem vínculo (Figura 2). Esse cognome surgiu no início dos anos 1980, nos artigos assinados pelo jornalista Randau Marques e citado por Lúcia da Costa Ferreira (1991, p. 70). Inicialmente, a expressão se referia à zona industrial, localizada na região norte da cidade, conhecida como Vale do rio Mogi. No entanto, o termo possuía o minimalismo das definições, o impacto das denúncias e a agudeza das propagandas e, portanto, sua adoção em qualquer texto que indicasse Cubatão se tornou inevitável. A mácula, entretanto, não permaneceu restrita ao Vale do rio Mogi, mas se apegou à cidade. Esse processo metonímico, qual seja, o reconhecimento do todo pelas partes redonda numa crítica mais enfática e, normalmente, com efeitos indelévels.

Figura 2. Cubatão no início da década de 1970.



Fonte: Arquivo Histórico de Cubatão.

Lúcia da Costa Ferreira (1991), em sua dissertação de mestrado, analisa a atuação dos órgãos de imprensa nas abordagens pertinentes a Cubatão. O fragmento seguinte constitui ponto a se destacar:

“Mais além, a imprensa de um modo geral e principalmente a da Baixada Santista tiveram um papel também preponderante na criação e veiculação de um clima de insegurança constante que caracterizou os ânimos por essa época. Sem qualquer juízo de valor, ou quaisquer outras tentativas de dimensionar as informações trabalhadas, importa destacar a atuação destes profissionais no sentido de transportar a noção abstrata e distante de risco iminente para o cotidiano de sua clientela de leitores.” (p. 71)

A expressão “insegurança constante” utilizada pela cientista consegue demonstrar o grau de influência da notícia veiculada. Não se trata de produzir medo na população, mas de possuir as ferramentas adequadas para cevar uma tensão onipresente e, conseqüentemente, uma atenção cativa. Os meios de comunicação possuem a capacidade de recriar o momento num permanente gerúndio, no “hic et nunc”, ou seja, no “aqui e agora”.

Outro exemplo da eficácia dos meios de comunicação quanto à difusão da conjuntura cubatense corresponde à música “Lua de Mel”, gravada pelo grupo artístico “Premeditando o Breque”. Lançada em 1985, no álbum “O Melhor dos Iguais” (Figura 3), a autoria está assinada por Mário Manga, Marcelo Galbetti e Osvaldo Luiz. Os versos iniciais da composição apresentam a trama, qual seja um personagem deseja conquistar a atenção amorosa de sua consorte. Após a reflexão, o protagonista considera que encontrou a solução ao decidir conduzir a cara metade a um local paradisíaco. Na sequência são apresentados os indícios geográficos do citado paraíso terrestre, pois se localiza próximo às montanhas e não muito distante do oceano. Nesse momento, há reflexão sobre esse ambiente que traduz um sonho urbano e a primeira menção quanto ao ar do local. Na estrofe seguinte, há outros indícios, pois a neblina local provoca a lágrima. Os versos seguintes correspondem ao estribilho que revela o ambiente propício para o envolvimento afetivo: “Paira poeira, para o pulmão / Numa lua de mel em Cubatão / Numa lua de mel em Cubatão / Numa lua de mel em Cubatão” (PREMÊ, 1985).

Os versos sequenciais indicam que todos os elementos que compõem o ambiente são da tonalidade verde quer sejam matas, pessoas, animais, terra e estrelas. Na sequência, o protagonista pede que a amada retire a máscara e lhe aplique um beijo. Na continuidade da trama, o verso “E sobre o oleoduto nosso amor vai arder” faz alusão clara ao triste episódio em Vila Socó. Os versos finais abordam elementos como poeira, cinzas, gás, além do som das sirenes como sinos que badalam. Arremata o quadro, a figura de um mutante que toca sob os embalos das tosses convulsivas.

A blague que permeia a música induz o ouvinte a considerar, em primeiro momento, apenas como uma mera brincadeira. No entanto, os elementos abordados apontam para uma profunda crítica social e ambiental. O próprio título apresenta evidências, pois o termo “lua de mel” está associado aos vínculos conjugais que, ordinariamente, faz referência à descendência. A letra caracteriza a cidade de forma exagerada ao citar o uso de máscaras, o mutante que toca ou a neblina que bloqueia a luz solar, ou seja, há construção de um cenário distópico. A ideia central consiste em provocar o estranhamento completo. Nesse processo, a conjunção de elementos hiperboliza a situação de Cubatão e a recria para impactar ao ouvinte.

Figura 3. Capa de “O Melhor dos Iguais”, Premeditando o Breque, 1985.



As referências diretas sobre os problemas da cidade, além da proximidade cronológica com o sinistro ocorrido na Vila Socó, em 1984, permitem que se entenda a repercussão da música à época. Essa forma de abordagem da situação se faz novidade por utilizar o humor e a mordacidade. Nesse contexto, o meio de comunicação colabora para que a cidade seja observada como modelo a não ser seguido, pois os resultados se tornaram públicos e notórios.

O sucesso alcançado pelo grupo “Premeditando o Breque” durou determinado período como ocorre com qualquer composição musical. No entanto, o termo “sucesso” provém do latim “sucessus” e, numa das acepções, significa “acontecimento” (SILVA, 1789). Assim, a música “Lua de Mel” se posiciona frente a Cubatão como um verdadeiro fenômeno “cuja significação é absorvida na sua ressonância” (NORA, 1995, p. 188).

Considerações finais

As décadas de 1970 e 1980, na cidade de Cubatão, constituem o período em que vários atores promoveram embates que envolviam acalorada discussão sobre a poluição ostensiva e os seus prejuízos ao meio ambiente. Nesse processo, a atuação dos meios de comunicação ou “mass media” se tornou elemento crucial para que as mazelas resultantes da excessiva e descontrolada poluição gerada pelas

indústrias fossem divulgadas amiúde através de várias reportagens. Um termo que se fez notório foi “Vale da Morte” quando se referia a Cubatão. A má fama cresceu, também, por ser tema da música “Lua de Mel”. Os programas televisivos de auditório, as rádios locais se tornaram ambientes nos quais as mazelas da cidade eram difundidas. A combinação desses elementos permitiu, em tese, que o nome “Cubatão” fosse invariavelmente ligado ao termo “poluição”. Assim, o significado desta palavra sendo “manchar, sujar” se torna sinônimo de Cubatão. A população, por um lado, se posicionou contra a grave situação ambiental e cobrou ações concretas. No entanto, a exposição demasiada de notícias cubatenses propiciou o surgimento de um constrangimento que paira sobre a cidade. Esse constrangimento, provavelmente, reflete sobre a autoestima e o sentido de pertencimento dos habitantes. Assim, mesmo transcorridas algumas décadas dos acontecimentos, o conceito perdura. A nódoa se faz perene.

Referências

- ARGOLLO FERRÃO, A. M. de; TORRES, F. R. Pesquisa e ação educativa da Companhia Ambiental do Estado de São Paulo no município de Cubatão [1970-1990]. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE ENSINO E HISTÓRIA DE CIÊNCIAS DA TERRA, 8, 2018. Campinas, SP, Brasil. **Anais do EnsinoGEO 2018 [eletrônico]**. Campinas, SP: geociências para todos/ Celso dal Ré Carneiro... [et alii] (organizadores). Campinas: UNICAMP/IG, 2018. 700 p. Disponível em: <https://www.ige.unicamp.br/geoscienced2018/wp-content/uploads/sites/38/2018/10/2018_AnaisEnsinoGEOFinal.pdf>. Acesso em 21 mai. 2021.
- BLUTEAU, R. **Vocabulário português & latino**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728.
- COUTO, J. M. Entre estatais e transnacionais: o pólo industrial de Cubatão. 2003. **Tese de Doutorado**. Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas (IE-Unicamp). Campinas, SP, Brasil.
- COUTO, J. M. **Industrialização, meio ambiente e pobreza** – o caso do município de Cubatão/SP. Maringá: EDUEM, 2012.
- CRETELLA JÚNIOR, J.; CINTRA, G. de U. **Dicionário latino-português**. São Paulo: Nacional, 1956.
- FERREIRA, L. da C. Os fantasmas do vale – representações e modos de ação social em Cubatão, SP. 1991. **Dissertação de Mestrado**. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (IFCH-Unicamp). Campinas, SP, Brasil.
- FERREIRA FILHO, C. A (toxi)cidade de Cubatão: história ambiental, desastres tecnológicos e a construção do imaginário da cidade tóxica na década de 1980. 2015. **Dissertação (Mestrado em História)** – Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro – campus Irati). Irati, PR, Brasil.
- MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2005.
- NORA, P. O retorno do fato, In: LE GOFF, J.; NORA, P. (Orgs.). **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. p. 179-193. Disponível em: <www.pesquisafacomufff.files.wordpress.com/2013/06/3-o-retorno-do-fato.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2019.
- PERALTA, I. G. **O caminho do mar** – subsídios para a história de Cubatão. São Bernardo: Bandeirante, 1973.
- PREMÊ. **Lua de Mel**. O Melhor dos Iguais. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1985. LP. Lado B, faixa 10.
- SÃO PAULO (ESTADO). **A batalha do meio ambiente no governo Montoro**. São Paulo: Bandeirante, 1987.
- SILVA, A. de M. **Dicionário da língua portuguesa (1789)**. Lisboa: Lacerdina, 1813. Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/2>>. Acesso em: 11 out. 2020.

SILVA SOBRINHO, J. da C. **Romagem pela terra dos Andradas**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1957.

TORRES, F. R. A fazenda geral dos jesuítas e o monopólio da passagem do Cubatão 1553-1748. 2008. **Dissertação de Mestrado**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

Sites visitados

<www.etimologias.dechile.net>. Acesso em: 14 out. 2020.

<<https://www.vagalume.com.br/premeditando-o-breque/lua-de-mel.html>>. Acesso em: 18 out. 2020.

Submetido em: 14.10.2021

Aceito em: 21.04.2022